XIV Colóquio do Centro de Estudos Portugueses UFPR V Colóquio da Cátedra Camões José Saramago UFPR

XIV Colóquio do Centro de Estudos Portugueses da UFPR

V Colóquio da Cátedra Camões José Saramago UFPR

Mimesis – a representação da realidade nas Literaturas de Língua Portuguesa

10, 11 e 12 de novembro de 2026

Anfiteatro 100 – Edifício D. Pedro I – Campus Reitoria

Universidade Federal do Paraná - Curitiba, Paraná

Comissão Organizadora:

Antonio Augusto Nery (UFPR/USP/CNPq)

José Carvalho Vanzelli (UFPR)

Marcelo Corrêa Sandmann (UFPR)

Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

Robson José Custódio (UFPR/Litoral)

RESUMOS

EM BUSCA DO COMUM PERDIDO: UMA LEITURA DE MANUEL DE FREITAS A PARTIR DE *MIMESIS* DE AUERBACH

Ana Beatriz Affonso Penna (SEPT/UFPR)

Em *Mimesis*, Auerbach trata a literatura como uma forma privilegiada de conhecimento histórico: cada estilo de representação do real, da epopeia homérica ao romance moderno, corresponde a uma forma como uma época compreendeu e organizou a experiência humana no tempo. A historicidade, portanto, não se oferece como exterioridade temática ou moldura contextual, mas como força que tensiona e configura a própria economia interna da obra. Nesse sentido, decifrar as figurações do real é empreender uma arqueologia dos modos pelos quais o mundo histórico se sedimenta nas estruturas

literárias. É essa orientação que permite a Auerbach ler, no capítulo final sobre Virginia Woolf, algo que ultrapassa a mera inovação técnica do fluxo de consciência: ele a interpreta como sintoma de uma condição histórica mais ampla, do início do século XX, no caso, a perda de uma ordem de valores compartilhada e estável capaz de assegurar uma percepção comum de realidade. A partir dessa tensão, proponho pensar como essa questão, a realidade como lugar público, permanece viva hoje, e como a poesia contemporânea, especificamente do poeta português Manuel de Freitas, retoma esse problema num momento em que a acepção de uma realidade comum continua ameaçada pelas forças do esquecimento, da mercantilização da linguagem e da lógica capitalista que transforma até o cotidiano e a intimidade em imagem consumível.

Palavras-chave: mímesis; poesia contemporânea; Manuel de Freitas.

Ana Beatriz Affonso Penna é docente do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná na área de Língua Portuguesa e respectivas Literaturas. De 2020 a 2024, foi professora de Língua Portuguesa e Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Realizou estágio doutoral na Universidade do Porto, com investigação no âmbito da Literatura Comparada. Foi professora substituta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro na área de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Atuou como professora credenciada pela Universidade Federal do Amazonas no Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), lecionando em turmas de Licenciatura em Língua Inglesa. Lecionou na *Emory University*, Estados Unidos, como bolsista do *Foreign Language Teaching Assistant Program* da *Fulbright Association*. É doutora em Literatura Comparada e mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, com graduação em Letras, Português e Inglês, pela mesma instituição.

***

A MIMESIS DAS SENSAÇÕES NA FICÇÃO MODERNA

Ana Clara Albuquerque Bertucci (UNESP)

A tradição clássica compreendeu a mimesis como princípio da representação artística, conceito continuamente reformulado ao longo da história da Teoria Literária. Em Platão, a arte é concebida como imitação; em Aristóteles, como reorganização da experiência humana; Erich Auerbach, por sua vez, desloca a discussão para as diferentes formas de representação da realidade,

compreendendo a literatura como o espaço em que cada autor atribui vida ao mundo que constrói. Nesse contexto, propomos investigar em que medida a estética sensacionista de Fernando Pessoa não rompe com a tradição mimética, mas a reconfigura. Partindo dos escritos teóricos do autor e de sua produção ficcional, analisamos como o sensacionismo desloca a representação objetiva do mundo para a representação das sensações. Defendemos que, em Pessoa, a realidade não se restringe ao meio exterior, abrangendo a experiência sensível e interior como matéria legítima da representação estética. Dessa forma, o sensacionismo expande o próprio conceito de mimesis, redefinindo aquilo que passa a ser compreendido e explorado como processo mimético dentro do texto.

Palavras-chave: mimesis, Fernando Pessoa, sensacionismo.

Ana Clara Albuquerque Bertucci é Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestre em Estudos Literários e licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, é professora de Língua Portuguesa na The British School of Brasília e desenvolve pesquisas nas áreas de Literatura Portuguesa e Modernismo, com ênfase na obra de Fernando Pessoa.

***

SOBRE A REPRESENTAÇÃO REALISTA DO AMOR NA POESIA DE TOLENTINO MENDONÇA

Ana Clara Magalhães de Medeiros (UnB)

Considerando-se as premissas teóricas e o método crítico preconizados por Erich Auerbach em *Mimesis:* a representação da realidade na literatura ocidental (1946), o presente trabalho objetiva discutir a representação *realista* do amor na poesia do poeta e cardial português José Tolentino Mendonça. Nosso *corpus* de análise consiste na primeira publicação da poesia do escritor no Brasil, lançada em 2026, pela Círculo de poemas sob o título de *Os enigmas singulares* – Antologia poética, com organização de Marcio Cappelli. Visando traçar uma recepção crítica da referida Antologia, esta apresentação almeja discutir, com o público brasileiro, as representações do tema do amor – universal, religioso e sexual – nos versos de um dos principais intelectuais portugueses de nossa década.

Palavras-chave: Tolentino de Mendonça. Poesia. Amor.

Ana Clara Magalhães de Medeiros é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa no Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (TEL/IL/UnB). Diretora da Cátedra Agostinho da Silva (Camões, I.P./Instituto de Letras, UnB). Desenvolve pesquisas em: Literatura Portuguesa: prosa e poesia, com ênfase na produção dos séculos XX e XXI; Literatura Comparada; Estudos polifônicos do romance; Poéticas do Desassossego; Iberismo e Transiberismo.

***

ENTRE REALIDADE HISTÓRIA E FICÇÃO: CENAS E PASSAGENS OBRIGATÓRIAS DE *LEVANTADO DO CHÃO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Ana Cristina da Silva (UFG/UFPR)

O que efetivamente diferencia o relato e a narrativa de acontecimentos e fatos ocorridos na realidade do discurso literário e/ou ficcional que também pode se ancorar na realidade? Ou, a pergunta de outra forma, como se dá a representação da realidade na literatura? Trata-se de uma questão clássica que atravessa a história da literatura, ocupando autores como Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), em sua *Poética,* Erich Auerbach (1892-1957), em *A representação da realidade na literatura ocidental*, e Jacques Rancière (1940) *O fio perdido. Ensaios sobre a ficção moderna*. Tomemos como objeto de estudo para tratar do entrecruzamento entre realidade e ficção no discurso literário o romance *Levantado do Chão*, de José Saramago (1922-2010), publicado em 1980. A saga da família Mau-Tempo principia pela paisagem, é seguida pela insurreição da linguagem que o autor promove nas primeiras vinte e poucas páginas do romance, cujo narrador vai reconstituindo, por meio da ficcionalização, cenas e imagens da vida cotidiana dos trabalhadores rurais. As passagens do enredo, importantes para a construção da verossimilhança interna, são constituídas pelos levantes dos próprios sujeitos-personagens, não sem motivo são eles os levantados do chão, que desejam subverter o mundo ordenado do latifúndio e da exploração de seu trabalho. Trata-se de uma narrativa densa, marcada por tema de forte apelo social e político, personagens emblemáticos e o narrador que parece dialogar com questões atreladas a origem campesina e a trajetória

do autor empírico, José Saramago, no que se refere às suas inúmeras intervenções públicas como escritor, cidadão e comunista.

Palavras-chave: Representação, Ficção, Saramago.

Ana Cristina da Silva é Graduada em Geografia e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, com Pós-doutorado pela UNESP de Rio Claro. Professora efetiva da Universidade Federal de Goiás desde 1994, no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA). Atualmente é credenciada como professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Atua, no ensino e na pesquisa, principalmente nos seguintes temas: Teoria e metodologia da Geografia, História do Pensamento Geográfico, Território e Imaginário, História da Geografia, Teoria social e Geografia Humana, interfaces entre geografia e literatura luso-brasileiras. É filiada à ANPUH-GO, membro do GT de História da Ciência e da Tecnologia. Membro do Grupo de Estudos em Epistemologia e História Comparada das Ciências Humanas (EPISTASTHAI), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Rede Entremeio de pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura. Membro do Grupo de Pesquisa Diálogos com a Literatura Portuguesa da UFPR, em Curitiba. Atualmente, realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, Linha de Pesquisa em Literatura, História e Crítica.

***

A SERIEDADE NA SINCERIDADE DA HIPOCRISIA: MIMESIS EM *A RELÍQUIA*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Antonio Augusto Nery (UFPR/USP/CNPq)

Teodorico Raposo ou, como é mais conhecido, "Raposão", é o protagonista/narrador de *A Relíquia*, obra de Eça de Queirós (1845-1900), publicada em 1887. A narrativa memorialista revela um narrador hipócrita, debochado e explícito, sendo talvez a mais ironizada das personagens do enredo. Nesta intervenção, procurarei demonstrar que Raposão e, por

consequência, o romance *A relíquia*, podem ser reconhecidos como bons exemplos, em Língua Portuguesa, das mudanças na representação mimética da realidade que Erich Auerbach, em sua obra *Mimesis – a representação a realidade na Literatura ocidental*, atribui à ficção desenvolvida no século XIX. Pretendo evidenciar que a "sinceridade da hipocrisia", percebida na atuação controversa de Raposão em suas memórias, somente pode ser reconhecida como característica de uma narrativa válida, por conta das misturas de estilos altos e baixos e do entrecruzamento entre o sublime e o cotidiano, fenômenos observadas por Auerbach na ficção oitocentista, sobretudo no romance moderno, que ressaltaram o protagonismo de personagens e de características, antes somente observadas em ficções ditas de estilo baixo, como farsas, idílios ou sátiras. Também no esteio das proposições de Auerbach, terei em vista o contexto português oitocentista, matéria fundamental para a ficção desenvolvida por Eça, sobretudo no que se refere à representação de situações e personagens e situações relacionadas à Religião e a religiosidade.

Palavras-Chave: Eça de Queirós; *A relíquia*; Narrador; *Mimesis*

Antonio Augusto Nery é Professor Associado de Literatura Portuguesa na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e integrante da Cátedra Camões José Saramago dessa mesma instituição, onde também é vinculado ao Centro de Estudos Portugueses (CEP-UFPR) e um dos líderes do Grupo de Pesquisa "Diálogos com a Literatura Portuguesa" (UFPR/CNPq). É Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e Pós-doutor em Literatura Portuguesa pelas Universidades de Coimbra, do Minho e de Campinas. Atualmente é Bolsista de Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Seus interesses de pesquisa centram-se nos seguintes temas: Camilo Castelo Branco; Eça de Queirós; José Saramago; Literatura Portuguesa do século XIX à Contemporaneidade e Literatura e Religião.

***

A REALIDADE BRASILEIRA EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*

Bruno Kutelak Dias (UFPR/CNPQ)

Este trabalho pretende explorar como a obra *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado (1912 – 2001) dialoga com os conceitos teorizados na obra *Mimesis* (1946), de Erich Auerbach (1892 – 1957) e como a representação da realidade brasileira e latino-americana pode apontar limites da teoria auerbachiana. Se, por um lado, o romance valida a mistura de estilos ao conferir dignidade e seriedade existencial ao cotidiano das classes populares baianas, por outro, ele desestabiliza a exigência europeia de uma causalidade puramente histórico-racional, principalmente ao levarmos em conta o realismo fantástico. Considerando a teoria de Alejo Carpentier (1904 – 1980), na qual o autor afirma que a realidade latino-americana é, essencialmente, fantástica, e elementos como a presença do espírito de Vadinho e a religiosidade popular não operam como um escape ou elemento fantasioso, mas como dimensão estruturante da própria realidade periférica, e brasileira, representada na obra baiana. Assim, Jorge Amado reconfigura o pacto mimético, demonstrando que o documento social e o maravilhoso coabitam harmonicamente na realidade brasileira.

Palavras-chave: Dona Flor, mimesis, realidade.

Bruno Kutelak Dias é Pós-doutorando pela Universidade Federal do Paraná, sendo bolsista CNPq - Pós-doutorado Júnior e vinculado ao Centro de Estudos Portugueses - Cátedra Camões. Doutor e mestre em Letras também pela Universidade Federal do Paraná, bolsista CAPES e graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Atualmente desenvolve pesquisa acadêmica nas áreas de Literatura Portuguesa, Brasileira, em Língua Inglesa e Espanhola.

***

MULHERES TRABALHADORAS: A FIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O PRIMO BASÍLIO* (1878) E *O CORTIÇO* (1890)

Daiane Cristina Pereira (UEPG/UFPR/CNPq)

Uma modificação identificada por Auerbach na literatura do século XIX diz respeito ao tratamento das classes populares no romance. Se antes elas eram representadas por meio de um estilo baixo, no período citado, passam a ser tratadas de maneira trágica, com o intuito de chamar atenção para os seus problemas, mas também numa tentativa de promover uma reforma social por meio da literatura, já que os tristes exemplos que protagonizariam educariam a sociedade para melhores modos de agir. Nesse sentido, homens e mulheres da classe trabalhadora passam a figurar como elementos principais do romance, principalmente nos romances naturalistas, como figuras trágicas, mas perigosas e viciosas, já que sua revolta ou seus instintos podem ser socialmente deletérios. No caso das mulheres, as questões ligadas ao seu corpo e a sua sexualidade se juntam a isso, aumentando ainda mais a tragicidade e a negatividade. Tendo tudo isso em vista, pretendemos observar como as mulheres trabalhadoras são representadas em *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, e em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, tentando perceber como essa representação, apesar de mostrar as dificuldades e agruras por que elas passam, deixam transparecer também a ideia de que o trabalho feminino é pernicioso, porque promoveria a ambição, a circulação social e a liberdade, principalmente a sexual, o que para o século XIX, se coloca como um perigo de desordem social.

Palavras-chave: Personagem, Trabalho, Naturalismo, Eça de Queirós, Aluísio Azevedo

Daiane Cristina Pereira possui graduação em Letras - Português e Francês pela Universidade de São Paulo (2006), mestrado (2014) e doutorado (2019) em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Portuguesa, Eça de Queirós, romance realista, mulheres e Estudos Comparados. Organizou o livro O crime do padre Amaro - texto da primeira versão e ensaios. Ministrou aulas de Língua Portuguesa e Literatura no

Instituto Federal de São Paulo - Campus Piritiba (2022). Atualmente é coordenadora do Grupo Eça, da Universidade de São Paulo e realiza estágio de pós-doutorado na UFPR e é professora de Literatura na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

***

D. JOÃO E JULIETA, DE NATALIA CORREIA: EROS SEM CÓDIGOS NORMATIVOS

Edson Santos Silva (UNICENTRO/Irati)

A produção dramática de Natália Correia apresenta uma diversidade de temas que ela mesma fez questão de delimitar, ao defender, em muitas de suas obras, a ibericidade na dramaturgia portugusa. Por meio dessa delimitação, a grande Pitonisa dos Açores deseja marcar como cidadã e como escritora a tese de que o dramaturgo deve buscar, naquilo que Saramago chamou de a Jangada de Pedra, inspiração, motivação e individualidade. O objetivo da apresentação será demonstrar de que maneira, na peça D. João e Julieta, Natália Correia colocará "em cena" a figura de D Juan, héroi ibérico, mítico e lendário que centraliza em si o conflito trágico da condição humana.

Palavras-chave: Natalia Correia, Ibericidade, Dramaturgia.

Edson Santos Silva é Mestre e Doutor em Literatura Portuguesa, pela USP, com Pós-Doutorado na mesma instituição, sob a supervisão do Prof. Dr. Francisco Maciel Silveira, e Pós-Doutorado na Unesp, sob supervisão da professora Renata Soares Junqueira. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Portuguesa. Dedica-se à pesquisa da dramaturgia portuguesa do século XIX e XX e Dramaturgia Negra Brasileira. É professor associado da UNICENTRO / PR, Letras – graduação (Irati) e pós-graduação (Irati e Guarapuava). Bolsista Produtividade Fundação Araucária, 2025-2027. Contato: jeremoabo21@gmail.com.

***

O ROMANCE HISTÓRICO E A HISTÓRIA DO PRESENTE: MESTRE GIL, DE ALEXANDRE HERCULANO

Eduardo Soczek Mendes (UNESP)

Erich Auerbach, no célebre Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental (1946), discorreu sobre as transformações que a produção literária, de concepção clássica, sofreu durante o século XIX, filiando essas modificações, sobretudo, à Revolução Francesa (1789), que se espraiou muito rapidamente pela Europa. Contudo, o teórico alemão atentou muito para a ficcionalização da História do presente e das representações, a sério, por exemplo, das personagens de baixas estratificações sociais. Partindo da questão acerca da mimetização do presente na Literatura oitocentista, propomos um diálogo entre a teoria de Auerbach e um dos textos em folhetins de Alexandre Herculano (1810-1877): Mestre Gil (Crónica do século 15.º). A narrativa foi publicada em O Panorama, em sete tiragens, entre novembro e dezembro de 1838, e resguarda as características do romance histórico oitocentista. Analisando o contexto e o veículo de publicação da narrativa de Herculano e, principalmente, a sexta parte do texto, intitulada "A procissão de Corpus", visamos discutir até que ponto o romance histórico oitocentista, neste caso ambientado no século XV, não estava também discutindo o momento histórico presente – lendo, portanto, a cultura religiosa do passado, antes do Concílio de Trento (1545-1563), pelas necessidades contemporâneas de um Portugal em crise. Para tal, analisaremos o discurso e as descrições do narrador, bem como os recursos paraliterários empregados na narrativa de Herculano, como o uso de notas de pé de página.

Palavras-chave: Alexandre Herculano; romance histórico; cultura popular.

Eduardo Soczek Mendes é professor assistente de Literatura Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESPAraraquara). Mestre e doutor em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciado também em Letras pela mesma instituição. Foi também professor colaborador de Literatura Portuguesa, vinculado ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Guarapuava, Paraná) e professor substituto, vinculado ao Departamento de Literatura e Linguística, da UFPR. Integra o

grupo de pesquisa do Centro de Estudos Portugueses – Cátedra Camões-José Saramago (UFPR) e desenvolve um estágio pósdoutoral, investigando a produção de Alexandre Herculano (1810-1877), no que concerne em seu diálogo com a editoração, a publicação folhetinesca, a História e o Catolicismo em Portugal.

***

A TRAGÉDIA DO COTIDIANO: MARIA JUDITE DE CARVALHO SOB A LENTE DE MIMESIS

Eliane Cristina Perry (UFPR)

Esta comunicação propõe uma releitura crítica da obra de Maria Judite de Carvalho à luz das categorias teóricas codificadas por Erich Auerbach em Mimesis. O objetivo é demonstrar como a autora portuguesa se insere no ápice do realismo moderno. Em primeiro lugar, analisa-se como Carvalho eleva o cotidiano humilde da Lisboa pequeno-burguesa a um patamar de seriedade trágica. Ao renunciar a tons irônicos ou paternalistas, ela transforma a rotina doméstica de figuras marginais e donas de casa frustradas em teatros de uma angústia absoluta, dotada de plena dignidade dramática. Em segundo lugar, a pesquisa aplica o método do Ansatz auerbachiano. A autora anula a grande trama cronológica, isolando recortes temporais mínimos e casuais - um armário vazio, um gesto mecânico. Esse evento funciona como um prisma: faz implodir o fluxo de pensamentos, condensando todo o itinerário existencial fracassado das personagens. A investigação analisa, então, a desagregação da realidade objetiva. Por meio de monólogos interiores e do triunfo do tempo psicológico sobre o cronológico, Carvalho reconstrói uma Lisboa claustrofóbica e interiorizada. Essa desesperança é o produto de uma determinação histórica precisa: a paralisia emocional das personagens reflete a violência patriarcal, o isolamento e a censura do Estado Novo salazarista. Por fim, evidenciam-se os sintomas estilísticos dessa crise. A parataxe rigorosa, a secura geométrica e o uso programático do "não-dito" e do silêncio textual não são meras escolhas estéticas. Eles representam a tradução formal da fratura entre o eu e o mundo, confirmando a obra de Carvalho como peça fundamental na decomposição do romance europeu moderno.

Palavras-chave: Literatura portuguesa feminina, Mimesis, Realismo moderno.

Eliane Cristina Perry possui graduação em Odontologia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciatura em Letras - Português e Italiano pela Universidade Federal do Paraná (2017) e mestrado em Letras pela mesma universidade (2020). Foi vice-presidente da Associação de Professores de Italiano do Paraná (APIPR). Atualmente é professora de língua italiana - Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), professora de português - Secretaria de Educação do Estado do Paraná, professora de língua e cultura italiana da Academia de Línguas do Paraná – CEILIN e Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela UFPR. Suas áreas de interesse incluem literatura italiana e portuguesa, estudos literários, ensino de línguas e cultura italiana, literatura e história, literatura de testemunho, memória e trauma.

***

O ÚLTIMO EÇA E O CAPÍTULO 19 DE *MIMESES*

Felipe Rodrigues Soares (USP)

Na reta final de *Mimesis* (2021), Auerbach avança suas considerações acerca do realismo literário nos séculos XIX e XX, notadamente pela progressão Stendhal, Flaubert, irmãos Goncourt, Zola, Woolf e Proust. E, apesar de bastante acurado para o desenvolvimento da literatura francesa, é sabida a limitação que o filólogo alemão oferece às periferias da Europa e do capitalismo. É nas sendas dessa ampliação das discussões de Auerbach acerca do realismo moderno e sua articulação com a representação das classes mais baixas da sociedade na literatura que esta comunicação pretende continuar a preocupação de José Carlos Siqueira em "Eça de Queirós e o capítulo 19 de *Mímesis*" (2009). Se em seu artigo, Siqueira trabalhava particularmente o "Eça realista" de *O Crime do Padre Amaro*, afirmando que autor português – juntamente de Machado – utilizaria estratégias e recursos literários outros, sendo não menos eficientes, para representar a dinâmica social portuguesa, questionamo-nos se essa mesma afirmação cabe para o último Eça, particularmente no caso de *A correspondência de Fradique Mendes*.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Mimesis; *A correspondência de Fradique Mendes*.

Felipe Rodrigues Soaraes é mestrando no programa de Estudos Comparados

de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), onde desenvolve pesquisa comparativa entre a obra de Eça de Queirós e o material ficcional de Gilberto Freyre com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Possui graduação em letras (2024) pela mesma instituição, tendo sido professor da rede estadual de São Paulo. Atualmente, é membro do Grupo de Pesquisa Eça de Queirós (Grupo Eça).

***

D. JOÃO DA CÂMARA OU UM TEATRO DE SOMBRAS

Flávio Rodrigo Vieira Lopes Penteado Corrêa (USP)

No teatro europeu da virada do século XIX para o XX, travaram-se diversas batalhas a favor de novos modelos miméticos. Tendo algumas delas no horizonte, Jean-Pierre Sarrazac alude à "encruzilhada naturalista-simbolista", articulando a primeira estética e o seu gosto pelo visível (evidente na defesa da observação presumivelmente exata do real imediato) com a segunda e a sua ênfase no invisível (responsável pelo descompromisso referencial em benefício do universo onírico). No âmbito português, dá testemunho dessa intersecção a obra dramática de D. João da Câmara (1852-1908). Por vezes caracterizado como drama simbolista, *O Pântano* (1894), por exemplo, ilustra o cruzamento entre aquela estética e a naturalista, na medida em que pressupostos desta última predominam no primeiro e em quase todo o quarto ato, enquanto o segundo e o terceiro acumulam elementos afins ao simbolismo. Já em *Meia-noite* (1900), o dramaturgo aprofunda a tendência à diluição da ação dramática que se fazia notar nos atos intermédios do outro texto, além de amplificar a disposição monológica do diálogo e promover o desenrolar do drama menos no exterior do que no íntimo das personagens. À luz dessas duas peças, esta comunicação pretende expor, de modo sucinto, os caminhos percorridos por D. João da Câmara em busca de uma dramaturgia que, sem rejeitar de todo a mimese naturalista, não deixou de assumir os riscos de investigar as potencialidades de um teatro disposto na contramão dos códigos cênicos hegemônicos no Portugal de seu tempo.

Palavras-chave: Ilusão Teatral, Teatro Íntimo, Silêncio.

Flávio Rodrigo Penteado é Professor Doutor da área de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É membro colaborador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde realizou pesquisa de pós-doutorado. Foi Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema, no Instituto Politécnico de Lisboa, onde ensinou História do Teatro e Literatura Dramática. Suas pesquisas focalizam articulações entre literatura e teatro, sobretudo no Brasil e em Portugal, bem como epistolografia, memorialismo e processos de criação. Além de três volumes centrados em Mário de Andrade, publicou mais de duas dezenas de artigos e capítulos de livro, a maior parte deles focada na obra de Fernando Pessoa.

***

MONSTRUOSIDADES INESCAPÁVEIS? UMA INDAGAÇÃO A ROMANCES PORTUGUESES

Gabriel Dória Rachwal (UFPR)

Lendo romances portugueses no contexto da pesquisa "Risco comum: imagens de coletividade no romance português de 1953 a 1960", tem-se encontrado recorrentemente a lida de mais de um romancista com o problema da participação inevitável dos indivíduos em monstruosidades. Com vistas a testar o alcance crítico que possa ter a recorrência mencionada, procura-se, nesta comunicação investigar três modos de lidar com as monstruosidades em que se toma parte, destacando-se que a noção de monstruosidade, para os fins desta investigação, liga-se à miséria da desigualdade social e a diferentes matizes da percepção de que se participa dela. Os três modos mencionados são encarnados centralmente pelas personagens Lèlito, do romance *As monstruosidades vulgares* (1960), de autoria de José Régio, José Midões, do romance *O susto* (1958), de Agustina Bessa-Luís, e Guida, do romance *Anjo ancorado* (1958), de José Cardoso Pires. Os três personagens em questão

pertencem à classe artística e/ou intelectual e ensejam representações da realidade que vedam aos indivíduos qualquer possibilidade de se manter "neutral" frente a monstruosidades ditas sociais, mas também constrangem e tensionam as possibilidades de ação em relação a ela, talvez por razões próximas às apontadas por Erich Auerbach, em *Mimesis*, ao tratar do realismo na França no século XIX: o não haver nenhum sinal de comunidade e àquele tempo se configurar como um de "estúpida falta de escapatórias". A ver se os romances e personagens selecionados confirmam.

Palavras-chave: monstruosidade; neutral; ação.

Gabriel Dória Rachwal é professor de teatro do Curso Técnico de Teatro do Colégio Estadual do Paraná. É graduado em Letras (UFPR) e Artes Cênicas (UNESPAR). É mestre e doutor em Estudos Literários pela UFPR e desenvolve, na mesma instituição, pesquisa de pós-doutorado em que se ocupa das imagens de coletividade no romance português.

***

TEMPO DESMEDIDO: REPRESENTAÇÃO EM *A CIDADE E AS SERRAS* DE EÇA DE QUEIRÓS

Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG/UFPR)

Essa proposta busca discutir como o tempo representado em *A cidade e as serras* pode ser entendido como um processo de mimesis pautado na contradição das datas que organizam a narrativa. Tal reflexão emerge da leitura de Luís Adriano Carlos sobre o romance, que estabelece os parâmetros do tempo dos calendários como meio de entender sua construção. Nesse contexto, nosso questionamento é como o tempo constitui a representação, ou seja, é necessário a figuração do tempo cronológico linear para caracterizar uma representação realista do romance? Para isso, trazemos para a discussão a ideia de Auerbach, que reordena a mimesis dentro do contexto ocidental,

principalmente quando lê o romance realista e traz a articulação entre os tempos histórico e ficcional como sua principal característica. Assim, essa leitura pretende estabelecer uma discussão sobre os tempos concorrentes no romance queirosiano como princípio para entender a construção de uma narrativa com viés realista.

Palavras-chave: Eça de Queirós, Erich Auerbach, tempo.

Giuliano Lellis Ito Santos possui graduação em Letras Português e Russo pela Universidade de São Paulo (2005), doutorado em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011). Coordenou o Grupo Eça (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1959316289108165) entre 2013 e 2019. Organizou o livro "A obra de Eça de Queirós por Leitores Brasileiros: Ensaios do Grupo Eça de Queirós" e "Novas leituras queirosianas: O primo Basílio e outras produções", disponíveis no site http://ge.fflch.usp.br/, frutos de debates constantes nas reuniões mensais do grupo de pesquisa. Efetuou estágio de pós-doutorado no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP com a pesquisa "O último Eça e a história". Atualmente é Professor Colaborador na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

***

"NAS FÉRTEIS MARGENS DO TEJO": A MIMESIS DA VIDA BUCÓLICA EM *FRANCÍLIA, PASTORA DO TEJO* (1816), DE FRANCISCA POSSOLO DA COSTA

Héllio Fellipe Dalle Piagge (UNESP)

O presente trabalho propõe uma reflexão crítica e literária sobre a mimesis e a representação da realidade no crepúsculo do arcadismo em Portugal, elegendo como cerne a obra poética de Francisca de Paula Possolo da Costa (1783-1838). Figura central da vibrante sociabilidade literária oitocentista, a autora possibilita investigar as tensões entre as convenções de uma época hostil à autoria feminina e o seu genuíno agenciamento intelectual. Ao ambientar sua poética nas férteis margens do rio Tejo, a obra *Francília, Pastora*

do Tejo (1810) constrói a representação da vida bucólica não como um cenário inerte, mas como o espaço exato da subversão. Em um gênero poético tradicionalmente dominado pela voz masculina do pastor árcade que canta seus amores, a escritora realiza um ousado ato de apropriação mimética ao outorgar a enunciação lírica a uma pastora. À luz das discussões sobre como a literatura atribui realidade aos seus sujeitos, compreende-se que essa inversão representacional opera como a construção consciente de um lugar de fala feminino que permite articular a experiência do mundo a partir de uma subjetividade até então silenciada. Possolo da Costa subverte as convenções do bucolismo para inscrever a mulher no texto poético, sustentando uma dicção própria que questiona a essência da falsidade masculina e desconstrói os papéis de gênero cristalizados na tradição androcêntrica. Desse modo, a mimesis possoliana desafia o silenciamento historiográfico operado pela crítica canônica, devolvendo à circulação uma voz inovadora que reconfigura a representação da realidade na literatura portuguesa.

Palavras-chave: Francisca Possolo da Costa, Arcadismo, Mimesis.

Héllio Fellipe Dalle Piagge é Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Araraquara, é pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia, Cinema, Literatura e Outras Artes (GPDC-LoA) e dedica-se à historiografia literária e ao resgate crítico e editorial de escritoras portuguesas do século XIX, com ênfase na obra de Francisca Possolo da Costa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2026/01072-5.

***

A HISTÓRIA NÃO É APENAS SELECTIA, É TAMBÉM DISCRIMINATÓRIA: O COLONIALISMO COMO MIMESIS EM *A VIAGEM DO ELEFANTE*, DE JOSÉ SARAMAGO

Isabela Padilha Papke (UFRGS)

Uma das controvérsias frequentemente associadas ao nome de José Saramago refere-se à suposta ausência da temática colonial em sua obra. Entretanto,

embora o autor não a aborde de maneira explícita ou como tema central de seus romances, é possível identificar reflexões sobre a colonização e suas dinâmicas de poder em textos como **Ensaio sobre a cegueira** *e* **Ensaio sobre a lucidez** e de modo particularmente significativo em **A Viagem do Elefante**. Nesse romance, que narra a jornada de um elefante oferecido como presente diplomático a um arquiduque europeu, destaca-se a figura de Subhro, um servo indiano cuja função é acompanhar e cuidar do animal durante todo o percurso. Ao longo da narrativa, Saramago constrói uma série de situações que evidenciam os contrastes entre as culturas oriental e ocidental, expondo mecanismos de dominação, silenciamento e apagamento cultural que marcaram os processos coloniais. A posição ocupada por Subhro, constantemente atravessada por relações de subordinação e estranhamento, torna-se um espaço privilegiado para a problematização dessas tensões. Nesse sentido, o presente trabalho buscará analisar de que maneira **A Viagem do Elefante** elabora uma mimesis da colonização por meio da alegorização dos processos de dominação e das dialéticas de poder que se desenvolvem a partir das relações estabelecidas em torno da personagem de Subhro.

Palavras-Chave: Colonialismo; Dialética; Mimesis; José Saramago.

Isabela Padilha Papke é Doutora na área de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa de Literatura, Sociedade e História da Literatura, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021-2026). É mestra na área de Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Historicidade, pela Universidade Estadual de Maringá (2019-2021), e é também Licenciada em Letras Habilitação Única - Português e Literaturas correspondentes pela mesma Universidade (2015-2018). É membro do Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT) e membro do grupo de pesquisa "Saramago, Leitor de Karl Marx", ambos da PUC-MINAS, membro do Grupo de Estudos Literatura e Ditaduras (GELD) da PUC-SP e participa dos cursos oferecidos pela Cátedra Saramago Libre da Universidade de Córdoba.

***

Ao Farol: Virgínia Woolf pelo prisma de Auerbach

Juliana Maia de Queiroz (UFPA)

No último capítulo de *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1946), Erich Auerbach se dedica ao romance de Virginia Woolf, *To the lighthouse,* (1927). A cena destacada tem como foco a personagem Mrs. Ramsey ao tentar medir o comprimento de uma meia de tricô (daí o título do capítulo: "A meia marrom") que ela prepara para o filho do guarda do farol. Para tanto, toma como base comparativa o tamanho de seu próprio filho, o caçula James, que não consegue ficar parado. Esse fato aparentemente banal da realidade exterior desencadeia uma construção narrativa voltada à representação da realidade interna dessas personagens, composta desde pensamentos fortuitos a emoções graves, tais como a tristeza destacada pelo narrador ("nunca ninguém pareceu tão triste"). Em sua análise detalhada da obra de Virginia Woolf em comparação a outras obras literárias do período, Auerbach chama a atenção para a extensão do processo narrativo do fluxo de consciência de Mrs. Ramsay, o que inclui igualmente outras vozes e cenas: o marido, as criadas e amigos que ela vê passar pela janela enquanto tenta calcular o comprimento da meia. Nossa comunicação parte das premissas de Auerbach acerca da representação da realidade no romance *Ao farol* e tem como objetivo ampliar tais considerações trazendo a análise para questões atuais sobre a representação da condição da mulher na literatura, tanto da escritora Virginia Woolf (com base em seu famoso ensaio, *Um teto todo seu,* de 1929*)*, quanto das principais personagens femininas do romance em tela.

Palavras-chave: Virginia Woolf, *Ao farol,* a meia marrom.

Juliana Maia de Queiroz é doutora em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Possui experiência como docente de literaturas brasileira e portuguesa na graduação e na pós-graduação. É professora associada da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém, e é efetiva no Programa de Pós-graduação em Letras desde 2017, atuando nas seguintes áreas de interesse: Repensando o cânone: literatura escrita por mulheres (séculos XIX e XX); Projetos editoriais de obras escritas por mulheres: novas edições, releituras e reposicionamento pela historiografia literária; Pesquisa em fontes primárias: produção, circulação e recepção de obras literárias em língua portuguesa. Atualmente, coordena o grupo de pesquisa "Vozes de Mulheres na Literatura" (CNPq) e é membro do GT A Mulher na Literatura, da

***

UMA LEITURA INTERESSANTE E EMOCIONADA

Luís Bueno (UFPR)
Mario Luís Frungillo (UNICAMP)
Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

Conhecer o *Mimesis* de Auerbach logo nas primeiras semanas do curso de Letras não foi uma experiência qualquer. A disciplina em que isso ocorreu também não era comum. A introdução do aluno no mundo dos estudos literários se fazia por meio de um programa que era ao mesmo tempo uma antologia, "Textos Fundamentais de Ficção", e dois desses textos, *Decamerão* e *Dom Quixote*, eram acompanhados dos respectivos capítulos do livro de Auerbach, ele também de certa forma, uma antologia comentada de textos. Enquanto a variedade dos textos nos abria a perspectiva para a infinitude de possibilidades dos estudos que iniciávamos, os comentários do filólogo alemão nos mostravam a amplitude de seus significados, e cumpria a promessa feita pelos autores da Introdução à edição brasileira, George e Suzi Sperber: aquela seria uma leitura interessante e emocionada. A obra nos acompanha desde o primeiro momento de formação até a atual atividade docente. Uma impressionante longevidade, se pensarmos em quanta coisa surgiu e desapareceu desde então.

***

O MEIO EM *PRÓSPERO FORTUNA* SOB A ÓTICA DE *MIMESIS*

Luiz Eduardo Martins de Freitas (USP)

De acordo com Auerbach, em seu *magnum opus*, *Mimesis*, no período oitocentista houve um ímpeto de grande apreço à ciência, fazendo com que

diversos procedimentos científicos se tornassem fontes de inspiração para outras áreas como as humanidades, realidade que se manteve ao menos até a virada do século. Ainda de acordo com o crítico, a atividade literária não passou incólume e recebeu influências de importantes ideias da época como o positivismo de Auguste Comte e o determinismo biológico de Taine. Nosso intuito é apresentar como o meio, categoria tão cara aos autores realistas e mais ainda aos naturalistas, é utilizada por Abel Botelho em seu romance *Próspero Fortuna*. O livro acompanha o protagonista que dá título à obra e apresenta seu percurso desde as frias montanhas do norte de Portugal até a capital lusitana. Defendemos que no campo, a natureza bravia adormece a ganância desmedida do rapaz, inibindo seus impulsos ambiciosos. Lisboa, por sua vez, desperta nele o oposto, funcionando como um catalisador de suas piores características. Além de mostrar como o meio influencia o caráter já determinado dos personagens, o narrador intruso assume a figura de um médico, avaliando as qualidades e defeitos das figuras apresentadas através de seus atributos físicos. Para se sobrepor aos desafios impostos pelo meio, a solução possível apresentada no romance de Botelho é o regime republicano. Esta é a direção que deveria ser tomada para vencer tanto os desafios naturais com seus ambientes imponentes, bem como vicissitudes de cunho social, no caso em tela, o decadente sistema político da monarquia. Como extensão dessa recomendação, a obra apresenta o Brasil como um caso bem-sucedido de triunfo da República sobre o meio, modelo que deveria ser seguido por Portugal.

Palavras-chave: *Mimesis*, *Próspero Fortuna*, Abel Botelho.

Luiz Eduardo Martins de Freitas é doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (Universidade de São Paulo) e mestre pelo mesmo programa. É bolsista da CAPES desde o mestrado. Além disso, é bacharel e licenciado em Letras (Português/Inglês) pela mesma universidade. Realizou iniciação científica durante o período de graduação. Participa do grupo de pesquisa Camilo Castelo Branco, credenciado pelo CNPq. Publicou textos em produções especializadas e apresentou vários trabalhos. Estuda o período oitocentista nas literaturas portuguesa e brasileira, com atenção especial ao escritor Camilo Castelo Branco. Pesquisa atualmente as relações entre *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Próspero Fortuna*.

***

A PALAVRA INTERMITENTE

Maria Lúcia Dal Farra (UFS)

Interessa-me perscrutar, tendo como referência as especulações que a leitura da *Mimeses* de Auerbach desperta-nos, uma obra poética absolutamente pulsante e contemporânea – a da poetisa brasileira Mariana Ianelli (1979). Tomo-a a partir de sua antologia *Todos os dias desde um sonho*, publicada em *2025*, em que se reúnem seus doze livros. Como é óbvio, estamos bem distantes das apreensões estilísticas de Auerbach, porque tratamos de algo contemporâneo. No entanto, pelo seu pendor de estilo elevado, de quem, diante da realidade, busca encontrar "Beleza/ Em situações as mais impróprias", como assegura ela, Ianelli parece produzir situações feéricas que substituem o real, tirando-lhes a carga pesada do cotidiano, e dotando-os de leveza, elegância e consistência aérea. Esse timbre próprio do devaneio do ar é já um sintoma do mutável, da transmigração, pois que tudo vai ensaiando levantar asas, a ponto de se transformar em outra coisa e, por fim, se alar e se metamorfosear de uma para outras esferas. Esta primeira aproximação já nos aponta o cadinho da mistura de estilos que meu ensaio se encarregará de mostrar devidamente.

Palavras-chave: Representação, Estilo, Poesia

Prêmio Jabuti de Poesia (2012), Maria Lúcia Dal Farra nasceu em Botucatu (Estado de São Paulo, Brasil) em 14/10/1944. Defendeu Mestrado e Doutorado na Usp, Livre-Docência na Unicamp e Titularidade na Ufs (onde foi Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa), entidades nas quais lecionou e às quais se inclui a Universidade da California (Berkeley, 2002). Tem cerca de 10 obras publicadas sobre Florbela Espanca, outras tantas sobre Herberto Helder, Vergílio Ferreira, Fernando Pessoa (em Portugal e Brasil), tendo sido seu derradeiro estudo, o intitulado *O Maldito no Feminino (A escrita literária transgressiva em língua portuguesa)*. Possui 5 livros de poemas.

***

PALAVRAS MORTAS, GESTOS VIVOS: MIMESIS E TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA NAS CRÔNICAS DE *A BAGAGEM DO*

VIAJANTE, DE JOSE SARAMAGO.

Marilda Beijo Fróes (IFSP)

O presente trabalho analisa as crônicas "Com os olhos no chão" e "Do princípio do mundo", reunidas em *A bagagem do viajante* (1973), de José Saramago, à luz do conceito de mimesis formulado por Erich Auerbach em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1946). Por meio de uma leitura interpretativa e comparativa dos textos, investiga-se a tensão que se estabelece entre a palavra literária e outros sistemas de signos artísticos: a pintura, na primeira crônica, e a música e a dança, na segunda. Tal tensão remete a questões centrais da reflexão auerbachiana acerca da representação, especialmente no que diz respeito à capacidade da linguagem de conferir forma e inteligibilidade ao mundo e aos limites inerentes à tentativa de representar aquilo que lhe é exterior. Nas duas crônicas, Saramago desloca essa problemática para o interior da própria escrita, convertendo a representação em tema de reflexão. Desse modo, os textos não apenas figuram o real, mas expõem os procedimentos, os impasses e as potencialidades da linguagem diante de experiências que parecem resistir à expressão verbal. A análise demonstra que a aproximação entre literatura e outras artes transforma a crônica em um espaço privilegiado de problematização dos fundamentos da mimesis, evidenciando que a insuficiência da linguagem, longe de constituir um limite meramente negativo, converte-se em princípio produtivo de criação e conhecimento.

Palavras-chave: mimesis, tradução intersemiótica, crônica saramaguiana.

Marilda Beijo Fróes é Licenciada, Mestre, Doutora e Pós-Doutora em Letras, pela UNESP – Universidade Estadual Paulista, com período de bolsa Capes Sandwich na Universidade do Minho em Braga/Portugal. É integrante do Grupo de Pesquisa: Saramago, leitor de Marx (PUC-MG/CNPq), membro do Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT) e participa da Cátedra Libre José Saramago da Universidade Nacional de Córdoba (UNC). Atua como docente efetiva no Instituto Federal de São Paulo, campus São José do Rio Preto. Seus interesses de pesquisa abrangem as obras do escritor José Saramago, o romance português contemporâneo o gênero ensaio, os filósofos Michel de Montaigne e Karl Marx; as relações entre literatura e

história; a metalinguagem e a intertextualidade.

***

DESILUSÃO, PESSIMISMO E RUÍNA EM CONTOS DE RIBEIRO COUTO

Milena Ribeiro Martins (UFPR)

Análise de contos do escritor santista Ruy Ribeiro Couto (1898-1963), mais lembrado pela sua amizade duradoura com Manuel Bandeira do que por sua produção literária. Alguns dos personagens de *A casa do gato cinzento* (1922), *O crime do estudante Batista* (1922) e *Baianinha e outras mulheres* (1927) encarnam desilusão, pessimismo e ruína em trajetórias *ratés*: são pobres-diabos engolidos por engrenagens sociais das quais não estão conscientes. Narradores dos contos, vez ou outra, evidenciam consciência acerca dos cordéis metafóricos que controlam os personagens. A análise das estratégias dos narradores permitirá investigar o posicionamento da Literatura com relação à sociedade que ela representa e na qual age. Muitos desses personagens oprimidos e isolados são flagrados pela lente afetiva dos narradores. Identidades fragmentadas, desejos insatisfeitos, doenças estigmatizantes e violência se enredam a espaços decadentes, cuja caracterização é carregada pela repetição de sintagmas, como *bruma, penumbra* e *melancolia*. Por meio dessa e de outras estratégias, temas como isolamento, tristeza e desconfiança são intensificados por elementos de estilo. Sérgio Buarque de Holanda (1996, p.150) afirmou que Couto tinha "horror aos desenlaces barulhentos" e que seus contos eram marcados por "uma ironia quase imperceptível". Silêncio e obscuridade pairam sobre os acontecimentos narrados e contribuem para seu efeito. Assim como a sociedade moderna é percebida como fragmentada, o gênero conto também constitui uma experiência fundada no fragmento, na apreensão efêmera e limitada de uma experiência.

Palavras-chave: Ribeiro Couto, modernidade, fragmentação.

Milena Ribeiro Martins é professora titular do curso de Letras da UFPR e vice coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma universidade. É líder do grupo de pesquisa Literatura em Rede. É

pesquisadora da obra de Monteiro Lobato, especialmente de seus contos e de sua atuação editorial. Foi organizadora dos livros *Lobato na Escola*: roteiro de leitura dos contos e *Lobato na Escola*: roteiro de leitura da obra infantil e juvenil (Paulus, 2022) e coautora de *Monteiro Lobato livro a livro*: obra infantil (2008) e obra adulta (2014). De seu projeto de pesquisa sobre "A prosa de ficção brasileira dos anos 1920", derivam alguns artigos sobre obras raras (como os romances *Frida Meyer*, *Os irmãos Marçal* e *A veranista*) e sobre editores modernistas. Também tem pesquisado a obra de escritoras brasileiras, dentre as quais Júlia Lopes de Almeida, de quem organizou a publicação de dois volumes de crônicas.

***

A SOMBRA NO CANTO DO QUADRO

Mônica Genelhu Fagundes (UFRJ)

Esta comunicação pretende pensar o problema da representação da realidade na literatura (e na arte) como posto no romance *Hoje, 3 de Maio* (2026), de Patrícia Portela. Debruçando-se sobre o quadro de Goya que já comoveu tantos escritores portugueses, inspirando por exemplo a "Carta a meus filhos..." de Jorge de Sena, a autora cria um livro fragmentário, polifônico, polimórfico, multiplicável. Ouvem-se ali as vozes das personagens pintadas por Goya – os que morreram, os que mataram, os que viram; a voz do crânio perdido do pintor; a voz do seu fantasma pairando numa sala do museu do Prado; a voz da estudiosa de sua obra que a escuta (à voz e à obra confundidas) e se deixa afetar da maneira mais visceral pela sua violência e pela sua beleza. Aos testemunhos entremeiam-se imagens – reproduções de gravuras de Goya, fotografias, recortes e intervenções sobre *El Tres de Mayo* –, cartas recolhidas ou inventadas. A leitura desses materiais heterogêneos se propõe como convite à montagem. Às três "Sugest[ões] de leitura" que abrem o romance (lembrando o "Tabuleiro de direção" da *Rayuela* de Julio Cortázar), soma-se uma quarta, que tende a infinitas, nesse livro cujos 8 se (des)dobram em ∞. Possivelmente por ser regido por uma sombra no canto do quadro que Goya não se lembra de ter pintado, que o "termina [...] como se continuasse", talvez "a sombra do mundo inteiro a pedir-te para não o pintares. A sombra do medo do mundo".

Palavras-chave: Patrícia Portela, ficção portuguesa contemporânea, Goya.

Mônica Genelhu Fagundes é Professora Associada de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Bacharel e Licenciada em Letras (Português/Literaturas) pela UFRJ, Mestre e Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Sua área de pesquisa são os Estudos Interartes e seus interesses de investigação concentram-se em teorias da imagem e em diálogos entre literatura e artes visuais, com foco na literatura portuguesa moderna e contemporânea. É Regente da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros (triênio 2023-2026) e membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura.

***

BRÁS CUBAS E BENTO SANTIAGO — DUAS MIMESIS DO SEGUNDO REINADO

Murilo da Silva Coelho (UFPR)

Enylton de Sá Rego, no livro *O calundu e a panacéia* (1989), analisa a presença da *sátira* na ficção de Machado de Assis. Partindo das suas raízes clássicas, passando pelas variações modernas até chegar nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), a presença da *sátira* é analisada ora em um registro cômico, ora trágico. Silviano Santiago, por sua vez, identifica no segundo romance o que designa como retórica da verossimilhança, analisando a sua genealogia e reincidência, enquanto forma ou estrutura profunda, na ficção machadiana, entendida como um todo orgânico. Diante disso, esta comunicação tem como objetivo comparar Brás Cubas e Bento Santiago, diferenciando o registro *satírico* do *trágico* e o *inverossímil* do *verossímil* no intuito de delinear duas *mimesis*, isto é, duas representações da realidade do Segundo Reinado presentes nos dois romances por eles protagonizados. Herdeiros de faustos legados senhoriais, ambos são narrador e personagem de suas próprias histórias, narradas na primeira pessoa e ambientadas em um tempo e espaço complexos cujos acontecimentos e situações enredam o leitor naquilo que Silviano Santiago chamou de romance ético, ou seja, em um convite ao ato crítico.

Palavras-chave: Mimesis, história, romance.

Murilo da Silva Coelho é graduado em Letras Português (UFPR), com

mestrado em Letras (UFPR) e doutorado-sanduíche em Estudos Literários (UFPR e Universidade de Potsdam). Desenvolve pesquisa sobre o narrador-personagem no romance brasileiro e tem experiência profissional como professor de língua portuguesa e literatura na educação básica, como mediador de leitura e professor de literatura brasileira e teoria da literatura no ensino superior. Durante o doutorado-sanduíche, trabalhou em um projeto de pesquisa no Instituto Ibero-Americano de Berlim através de uma bolsa de estudos da CAPES com o DAAD, por meio do Probral.

***

VISÕES DO BRASIL OITOCENTISTA

Paulo Motta Oliveira (USP/CNPq)

Ouro e crime, mistérios de uma fortuna ganha no Brasil foi publicado por uma tipografia de Lisboa em 1855. Neste *romance original* de Eduardo Tavares seguimos as trajetórias de alguns portugueses que viviam na cidade do Rio de Janeiro ou em seus arredores, em especial de dois deles. O primeiro, Timóteo, protagonista que terminará o livro voltando para Portugal e se transformando em barão, destino que não incomum para os retornados enriquecidos. O outro, Augusto, continuará no Brasil e se casará com Maria, a filha de Timóteo, que este havia abandonado nos trópicos praticamente sem dinheiro, após falsificar o testamento de sua falecida esposa. Para além destes personagens somos apresentados a vários outros que acabam por compor um interessante painel da sociedade brasileira de meados do século XIX, que pretendemos analisar em nossa apresentação.

Palavras-chave: Literatura e História, Brasil e Portugal, Romance Oitocentista.

Paulo Motta Oliveira é Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Pesquisa, principalmente, a literatura portuguesa do século XIX e do início do XX, bem como as relações entre esta e outras literaturas do período.

***

SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1226-1230) e GIL VICENTE (1465-1536):

UMA APROXIMAÇÃO *VIA SERMO HUMILIS*

Ranieri Emanuele Mastroberardino (UFPR)

Esta comunicação busca revelar em que medida existe uma convergência entre as poesias religiosas de São Francisco de Assis (1226-1230) e de Gil Vicente (1465-1536). Ao utilizarmos o conceito de *sermo humilis*, aprofundado por Erich Auerbach no livro *Mimesis*, verificaremos como os dois poetas empregaram uma linguagem simples, acessível e cotidiana para abordar preceitos cristãos. Tendo em vista esta perspectiva de análise, percebe-se que, por meio de um estilo literário e retórico transparente, São Francisco de Assis e Gil Vicente transformaram o discurso teológico, deixando-o mais compreensível, eficaz e atento às particularidades da Península Itálica e de Portugal.

Palavras-chave: *Sermo humilis*, São Francisco de Assis, Gil Vicente.

Ranieri Emanuele Mastroberadino é Professor de língua e cultura italiana. Doutor e mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná, tendo como linha de pesquisa a literatura, a história e a crítica. Licenciado em Letras português e italiano pela mesma instituição.

***

PERSEGUIÇÃO DO REAL EM SOPHIA - ONDE O "VISÍVEL SE VÊ ATÉ A FIM"

Raquel dos Santos Madanêlo Souza (UFMG)

Publicado em *Livro Sexto*, de 1962, "Caminho da manhã" convida-nos a percorrer um pequeno trajeto atravessado por imagens intensas, repletas de cores, cheiros, sons e silêncios. O objetivo dessa comunicação será verificar os procedimentos utilizados pela escritora na elaboração de um texto que parece evidenciar a perseguição do real enunciada pela poeta em sua "Arte Poética III".
Palavras-chave, Sophia de Mello Breyner Andresen, real, poesia.

Raquel dos Santos Madanêlo Souza é Professora de Literatura Portuguesa, na graduação e na pós-graduação em Estudos Literários, na Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), Mestre em Literatura Brasileira, pela mesma instituição (UFMG/ 2003) e Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (2008), com Bolsa FAPESP e estágio de pesquisas na Universidade de Lisboa. Realizou pesquisas

pós-doutorais na Universidade de Coimbra (2013-2014), com Bolsa BPE-FAPESP. E pós-doutorado na Universidad de Los Andes, na Cátedra Fernando Pessoa (2023-2024; 2025-2026). Coordena o Grupo de Pesquisa *EntreMargens*.

***

UM DIA COM JERUSA, FILME DE VIVIANE FERREIRA OU REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA ÉPICA CONTEMPORÂNEA

Renata Soares Junqueira (UNESP, Araraquara/CNPq)

Se, como pondera Peter Szondi na sua *Teoria do Drama Moderno* (1956), o drama novo, determinado pelas condições da sociedade industrial, é o drama de diálogos diluídos, ações rarefeitas e personagens ensimesmadas, é preciso ver também quais as implicações desse novo *modus vivendi* na épica contemporânea. Ou, noutros termos, se o sujeito condicionado pelo avanço tecnológico e pelas injunções do capitalismo é o sujeito solitário cujas relações com outros sujeitos (relações afetivas, familiares, sociais) estão inapelavelmente limitadas pela mecanização da vida, então como narrar a história e os *feitos coletivos* dos heróis modernos e contemporâneos? Eles existem? Esta comunicação pretende falar da vida danificada das comunidades da diáspora africana no Brasil, nomeadamente as que se instalaram às margens do Rio Saracura e fundaram o bairro do Bixiga, em São Paulo, segundo a narrativa do filme *Um dia com Jerusa* (2020), da cineasta baiana Viviane Ferreira – narrativa que tenciono analisar articulando à teoria do cinema alguns subsídios da moderna teoria dos gêneros literários. Veremos como a pobre e solitária mulher negra que é a protagonista do filme, Jerusa, mesmo carregando consigo o doloroso trauma de ter tido a família dizimada pelo poder hegemônico – branco, burguês e patriarcal –, empenha-se em preservar a memória dos seus antepassados e denunciar o racismo da sociedade brasileira através da representação fotográfica e filmográfica, bem como em superar a perda dos seus familiares, assassinados pela polícia ao longo de várias gerações, a partir do estabelecimento de novos laços afetivos, de sororidade, que tendem a reagregar a comunidade negra, espoliada e esfacelada pelo racismo estrutural da branquitude dominante.

Palavras-chave: Cinema brasileiro de mulheres negras, Viviane Ferreira, épica contemporânea.

Renata Soares Junqueira é Professora Titular de Literatura Portuguesa, vinculada ao Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, no *campus* de Araraquara (SP). Fez os seus estudos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, na área de Letras (Teoria Literária). Em 2010, tornou-se Livre-Docente pela UNESP e, na mesma instituição, passou a Professora Titular em 2018. Nos últimos anos tem-se dedicado aos estudos de Literatura e Outras Artes, com pesquisas que contemplam principalmente o teatro e o cinema. É líder do Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema, Literatura e outras Artes (GPDC-LoA) e bolsista do CNPq com a pesquisa "Alma no olho e câmera na mão: peculiaridades do épico em narrativas do cinema brasileiro dirigido por mulheres negras", apoiada também pela FAPESP (processo 2025/26933-0).

***

O CONHECIDO DESCONHECIDO: *O INSEPARÁVEL OU O AMIGO POR TESTAMENTO*, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Roberto Xavier de Oliveira (UNESP/FCLAR)

Usualmente conhecida por sua produção romanesca, Agustina Bessa-Luís também aventurou-se na escrita teatral, publicando um total de nove textos dramáticos. O primeiro desses escritos é a peça *O inseparável ou o amigo por testamento* (1958), cuja ação, como em grande parte de seus romances, está centrada numa família provinciana de feição burguesa. O pai de família recebe uma polpuda herança em troca do compromisso de receber em casa, por vinte dias de cada estação do ano, a visita de um "amigo" desconhecido. Desse modo, Agustina cria um texto teatral que explora e tumultua a representação das boas casas de família, dialogando sarcasticamente com o drama burguês tal como preconizado por Denis Diderot. Ao trabalhar com um humor que se quer contido porque engenhosamente sarcástico e singelo, a autora dialoga com a proposta de Erich Auerbach (1946) na qual o estudioso rompe com os princípios aristotélicos de estilos alto (tragédia) e baixo (comédia), ainda reconhecíveis no projeto literário de Diderot, para identificar na literatura moderna a representação da realidade em todos os aspectos do cotidiano, sem que uma distinção das camadas sociais regule a construção das personagens e dos motivos literários. A escritora, portanto, dedica-se à comédia para desmantelar o teatro da família burguesa, revelando a comicidade de indivíduos que fazem de suas vidas a mais tacanha das encenações, o que, por

sua vez, também permite conceber o teatro agustiniano por meio das considerações de Peter Szondi (1965). À vista disso, pretende-se com essa comunicação explorar a primeira peça teatral escrita por Agustina e, com isso, dar a conhecer um pouco mais do seu teatro.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís; Teatro moderno; Comédia.

Roberto Xavier de Oliveira é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara. Em seu atual projeto de pesquisa, o qual é financiado pela FAPESP, investiga a maneira como a escritora Agustina Bessa-Luís recria a imagem da pintora Paula Rego a partir de sua pintura, integrando-a em seu universo romanesco. Interessa-se pelos estudos interartísticos, com um especial foco nas relações entre a literatura e a pintura, e teatrais.

***

A COLHER E O SUBLIME: *SERMO HUMILIS* E REPRESENTAÇÃO LÍRICA EM GASTÃO CRUZ

Rodrigo Valverde Denubila (PPGELIT/UFU)

Este trabalho examina o poema "A colher", de Gastão Cruz, publicado em *Repercussão (2004)*, mediante a categoria de *sermo humilis* formulada por Erich Auerbach, em *Mimesis* (1946). Para Auerbach, a narrativa evangélica rompe com a separação clássica dos estilos ao conferir dignidade trágica a figuras e situações do cotidiano humilde — ruptura que não se restringe à prosa, mas configura um princípio de representação de longa duração na literatura ocidental. Em "A colher", um utensílio doméstico converte-se em suporte de uma meditação sobre memória, tempo e finitude: o cotidiano não figura aí como cenário, mas como substância ontológica da experiência, o que é precisamente o que o torna analiticamente pertinente. A análise sustenta que o poema atualiza, em chave lírica, a lógica do estilo humilde tal como Auerbach a descreve, isto é, a fusão entre o comum e o transcendente como condição de uma mimese que não separa o peso ontológico da coisa de sua aparência mais banal. Argumenta-se, consequentemente, que o *sermo humilis* é uma categoria analítica operacional, capaz de iluminar a poesia gastoniana, pois representa um dos lugares em que essa tradição se renova sob a pressão simultânea da experiência e da língua contemporâneas.

Palavras-chave: *sermo humilis*; Gastão Cruz; lírica contemporânea.

Rodrigo Valverde Denubila é Doutor em Estudos Literários pela UNESP, com período sanduíche na Universidade do Porto, e Pós-Doutor pela mesma instituição. Professor do Magistério Superior no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), exerce atualmente a vice-direção do ILEEL e a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT). Sua pesquisa articula literaturas de língua portuguesa, teoria da lírica e estudos comparados, com ênfase em poesia portuguesa e africana, modernidade e diálogo entre lírica e filosofia. É coordenador do Grupo de Pesquisa Correntes e Poéticas Contemporâneas e do projeto de extensão Poesia em círculo: encontros de leitura poética. Atuou como consultor da CAPES na avaliação quadrienal da área de Linguística e Literatura.

***

MIMESIS E VIDA COTIDIANA: O MOINHO, DE EÇA DE QUEIRÓS, EM DIÁLOGO COM UM CORAÇÃO SIMPLES, DE FLAUBERT

Salete Aparecida Franco Miyake (UFPR)

Propõe-se uma leitura dialógica do conto *O moinho*, de Eça de Queirós, e da novela *Um coração simples*, de Gustave Flaubert, tendo por arcabouço teórico os pressupostos presentes em *Mimesis*, de Erich Auerbach, sobretudo a desconstrução da hierarquia entre estilos alto e baixo, a dignidade trágica do cotidiano e a historicidade da forma literária. Partindo da concepção de representação como dramática apresentação do real, proposta por Auerbach e retomada por Edward Said, examina-se a representação ética e afetiva da vida das personagens e dos ambientes em que se situam, especialmente das figuras socialmente inferiores. Busca-se, nesse sentido, um diálogo possível entre a forma estética do autor português e a de Flaubert. Em suas cartas pessoais, Eça deixa transparecer sua admiração pelo escritor francês, considerando-o um modelo a ser seguido. Tendo como ponto de partida a leitura cuidadosa oferecida por Auerbach a respeito de Flaubert e de sua escrita realista, o foco recai sobre a articulação entre a descrição minuciosa de gestos, rotinas de trabalho e espaços simples e a exposição de culpa, renúncia, fé, frustração e violência simbólica, que se configuram como exemplo de mimese no sentido auerbachiano, isto é, uma representação que não se reduz à reprodução de costumes, mas interpreta historicamente a desigualdade e a hipocrisia de seus

contextos. Argumenta-se, por fim, que o conto de Eça pode ser lido, à semelhança do texto flaubertiano, como um objeto de representação da realidade cotidiana na literatura ocidental, de forma que a literatura portuguesa se alinha ao realismo europeu do século XIX.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Flaubert; Erich Auerbach.

Salete Aparecida Franco Miyake é Doutoranda em Letras (UFPR), graduada em Letras (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), possui formação em Secretariado Executivo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e é mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Seus interesses de pesquisa concentram-se, especialmente, na literatura portuguesa do século XIX e na literatura brasileira do século XX. **E-mail:** salette.miyake@ufpr.br. **Orcid:** https://orcid.org/0000-0002-7703-3279. **Lattes:** https://lattes.cnpq.br/7211474389778530

***

AUTORRETRATO, MIMESE E ACONTECIMENTO NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

Para Aristóteles, "nada impede que alguns fatos reais sejam verossímeis e possíveis", e é segundo esse pensamento que, em sua *Poética* (1995), ele ressaltará o trabalho do poeta, não apenas "no arranjo das ações", mas, sobretudo, em seu compromisso de "buscar sempre o necessário ou o provável". Por isso, as ações "em que a sucessão dos episódios não decorre nem da verossimilhança nem da necessidade" serão consideradas como "as mais fracas". Charles Batteux, em *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio* (2009), de 1746, também enfatizará o trabalho artístico do poeta, afirmando que, "para agradar os homens, é preciso, ainda que não imitemos, fazer como se imitássemos", pois, segundo ele, também seria "preciso dar à verdade traços da verossimilhança". Batteux, no entanto, fará questão de deixar bem clara a diferença entre o seu entendimento acerca do gênero lírico e "outras espécies de poesia [que] têm por objeto principal as ações", pois, "enquanto a ação marcha no drama ou na epopeia, a poesia é épica ou dramática", mas "assim que ela interrompe e pinta tão somente a situação da alma, o puro sentimento que experimenta, ela é certamente lírica". Levando mais adiante o preceito de Aristóteles, ele argumenta que, "se os sentimentos não são verdadeiros e reais", o poeta "deve excitar em si mesmo aqueles que sejam semelhantes aos verdadeiros, e fingir que correspondem à qualidade do objeto", porque, "se há um real, ele se mistura com o que é fingido para formar um todo de mesma

natureza". A partir da análise de alguma poesia contemporânea de língua portuguesa, demonstrarei como essas duas reflexões podem ser complementadas pela contribuição de Michel Beaujour, em *Miroirs d'encre – Rhétorique de l'autoportrait* (1980), obra em que a lógica da autorrepresentação é definida pela contingência do acontecimento.

Palavras-chave: Autorretrato; Mimesis; Acontecimento.

Silvio Cesar dos Santos Alves é Professor Associado de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui Doutorado em Literatura Comparada (2013) e Mestrado em Literatura Portuguesa (2008) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Entre fevereiro de 2023 e fevereiro de 2024, realizou estágio de Pós-Doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pesquisa sobre "Tradição e atualidade na poesia contemporânea de língua portuguesa". Foi Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa - ABRAPLIP, na Gestão 2024-2025, e Coordenador do GT Literatura Portuguesa, da Anpoll, em 2025.

***

O OBJETO, A CÓPIA E O FANTASMA: MIMESIS E ESPECTRALIDADE EM *A SUCESSORA* (1934), *REBECCA* (1938) E *O VERÃO SELVAGEM DOS TEUS OLHOS* (2008)

Tatiana Prevedello (IFPR – *campus* Londrina)

A espectralidade é um dos principais elementos que atravessam os romances *A sucessora* (1934), de Carolina Nabuco, *Rebecca* (1938), de Daphne du Maurier, e *O verão selvagem dos teus olhos* (2008), de Ana Teresa Pereira, cujas narrativas apresentam uma correlação mimética marcada por problemas de autoria, transitando entre a suspeita de plágio e a intertextualidade, ou mera paráfrase narrativa. Nabuco teria traduzido seu romance para o inglês e, na busca pela publicação na Inglaterra, os originais teriam chegado ao mesmo editor de du Maurier. Depois disso, o enredo de *Rebecca* se tornaria mundialmente conhecido, sobretudo após a sua adaptação para o cinema em 1940, sob direção de Hitchcock. Mas embora as semelhanças entre os enredos de *A sucessora* e *Rebecca* levantem consistentes especulações sobre plágio, a autora brasileira optou por não processar os editores ingleses. Em *O verão selvagem dos teus olhos*, o espectro de Rebecca, personagem de du Maurie, segue habitando a mansão de Manderley e apresentando a sua perspectiva sobre os eventos, que, no romance britânico, são mostrados pelo viés da protagonista, a segunda

mulher de Mr. Winter, que vive assombrada pela memória e pela influência obsessiva de Rebecca, primeira esposa falecida de seu marido. A partir dos fatos apresentados, este trabalho terá como propósito analisar as projeções miméticas relacionadas à questão da autoria e ao intertexto, que se desdobram nas três narrativas.

Palavras-chave: Mimesis; espectralidade; romance; intertexto.

Tatiana Prevedello é Doutora em Estudos Literários (UFRGS, 2014), atua na docência desde 2007. Atualmente realiza cooperação técnica com o IFPR - campus Londrina. Foi representante regional da ABRAPLIP nas gestões 2016-2017 e 2018-2019 e atuou como Assessora de Comunicação na gestão 2024-2025. Publicou *Narratividade em Paul Ricoeur* (2022) e *Hermenêutica e Ficção:* Paul Ricoeur e António Lobo Antunes (2024). Poeta, fotógrafa e artista visual, é autora do fotolivro poético *Lugares para habitar no escuro* (2024) e dos livros de poesia *Cosmórios* (2022), em coautoria com Silvio Cesar Alves, e *Sob a nuvem de pó* (2026). Seus trabalhos já integraram exposições individuais e coletivas, com destaque para o MARGS e Paraty em Foco.

***

ENTRE O CONTO E O MURO: A CURITIBA IMAGINADA DE DALTON TREVISAN E POTY LAZZAROTTO

Verônica Daniel Kobs (UNIANDRADE e FUST University)

O presente trabalho insere-se no eixo temático Mimesis e as traduções intersemióticas, ao investigar a cidade como vivência histórica mediada pela palavra e pela imagem. Com esse intuito, analisam-se (mini)contos de Dalton Trevisan e murais/painéis de Poty Lazzarotto, a fim de demonstrar que, mesmo em suportes e contextos distintos, essas produções estabelecem relações de aproximação, contraste e complementaridade nas formas de apreensão do espaço urbano. Embora tenham sido produzidas principalmente na década de 1990, essas obras ganham novos significados hoje, diante dos processos de aceleração, virtualização e fragmentação da experiência urbana, sendo capazes de reativar vínculos com a história e a complexidade do contexto cotidiano. Nessa perspectiva, a cidade consolida-se como campo de inscrições múltiplas, possibilitando o enriquecimento do diálogo intersemiótico por meio da ressignificação de ruas, personagens, lendas e símbolos. Contudo, por sua inserção no espaço público, a obra de Poty distancia-se da literatura de Trevisan ao incorporar o conceito de cidade-modelo, que valoriza os projetos urbanísticos e a projeção internacional da capital paranaense. Ao evidenciar tais mediações, o trabalho propõe que a cidade deixa de ser mero ambiente para se tornar coadjuvante

— de épocas, fatos e pessoas, em um processo de construção coletiva que entrelaça temporalidades e afetos. Como referencial teórico, utilizam-se sobretudo os estudos de Sandra Pesavento, Michel de Certeau, Renato Cordeiro Gomes, para discutir imaginário urbano, práticas do espaço e lugares de memória. Além disso, no que diz respeito aos conceitos de mimesis e representação, privilegiam-se as contribuições de Erich Auerbach e Luiz Costa Lima.

Palavras-chave: Cidade, imaginário urbano, representação.

Verônica Daniel Kobs é Pós-Doutorada em Literatura e Intermídia (UFPR). Doutora em Estudos Literários, Mestre em Literatura Brasileira e Licenciada em Letras Português-Latim (também pela UFPR). Coordenadora do Mestrado/Doutorado em Teoria Literária da Uniandrade, onde também ministra a disciplina de Imagem e Literatura. Professora Visitante do Mestrado/Doutorado da Florida University of Science and Theology (FUST). Editora da revista literária *Scripta Alumni*. Estudiosa de línguas antigas e modernas. Autora e fundadora do blog *Interartes*. Colunista do blog *Recorte Lírico*. Curadora do blog *Sarau Literário*. Autora de livros e artigos sobre Literatura, Linguagens e Mídias. Crítica especializada no novo gótico e nas múltiplas formas de hipertextos e cibertextos. Pesquisadora do Grupo Intermídia, da UFMG. Apreciadora de música, fotografia e arte experimental.

***

PENSAR OS ENSAIOS NAS ESCRITAS DE VERGÍLIO FERREIRA E AGUSTINA BESSA-LUÍS: MÚSICA E PINTURA

Viviane Vasconcelos (UERJ/FAPERJ)

O trabalho pretende realizar algumas reflexões sobre os artigos e ensaios dos escritores Agustina Bessa-Luís e Vergílio Ferreira a partir da relevância que alguns artistas têm na obra dos dois escritores. Em uma análise que tem início nas aproximações e diferenças entre os dois autores, tratemos a importância da música, especialmente a de Bach, na estética vergiliana, e a pintura de Rembrandt, na escrita agustiniana. Com isso, por meio de um olhar revisitado para os procedimentos barrocos, podemos ler a construção de um pensamento sobre o diálogo entre a literatura e as outras artes.

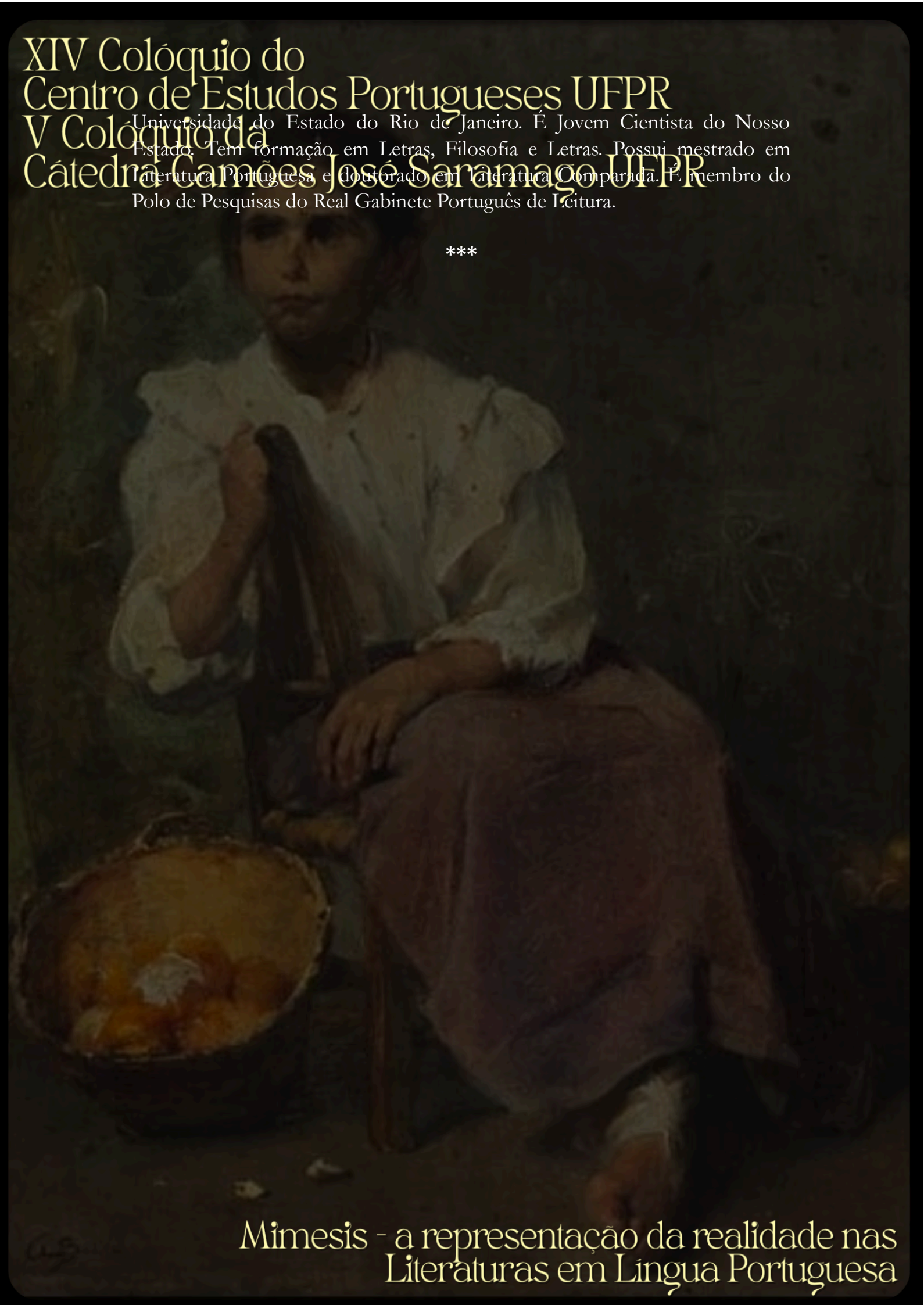
Palavras-chave: Vergílio Ferreira; Agustina Bessa-Luís; Arte.

Viviane Vasconcelos é professora associada de Literatura Portuguesa da

XIV Colóquio do Centro de Estudos Portugueses UFPR
V Colóquio da Cátedra Camões José Saramago UFPR

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Jovem Cientista do Nosso Estado. Tem formação em Letras, Filosofia e Letras. Possui mestrado em Literatura Portuguesa e doutorado em Literatura Comparada. É membro do Polo de Pesquisas do Real Gabinete Português de Leitura.

***



Mimesis - a representação da realidade nas Literaturas em Língua Portuguesa